

## CAPÍTULO I

Ele — pois não poderia haver dúvidas quanto ao seu sexo, embora a moda da época contribuísse até certo ponto para o dissimular — estava a golpear uma cabeça de mouro suspensa das vigas do telhado. Esta era da cor de uma velha bola de futebol, e mais ou menos do mesmo feitio, tirando as faces encovadas e uma madeixa ou duas de cabelo crespo e ressequido, como os pêlos de um coco. O pai de Orlando, ou talvez o avô, decepara-a dos ombros de um enorme pagão que assomara de repente, ao luar, nos bárbaros campos de África; e agora balouçava, suavemente, perpetuamente, ao sabor da brisa que nunca parava de soprar nos sótãos da gigantesca casa do senhor que o matara.

Os antepassados de Orlando haviam cavalgado por campos de asfódelos e campos pedregosos e campos regados por rios desconhecidos, e haviam decepado de muitos ombros muitas cabeças de muitas cores, trazendo-as de volta para as pendurarem nas vigas. O mesmo faria Orlando — assim jurou. Mas como tinha apenas dezasseis anos, sendo ainda demasiado jovem para os acompanhar nas cavalgadas por Áfricas e França, fugia para longe da mãe e dos pavões do jardim e refugiava-se no sótão, onde arremetia, investia e golpeava o ar com a sua espada. Às vezes cortava a corda, de forma que o crânio caía ao chão e ele se via obrigado a amarrá-lo de novo, suspendendo-o, não sem cavalheirismo, quase fora do seu alcance, de modo que o inimigo lhe sorria triunfantemente com lábios negros e mirrados. O crânio ba-

louçava de um lado para o outro, pois a casa em cujos píncaros vivia era tão vasta que o próprio vento parecia ser de la prisioneiro, soprando para cá, soprando para lá, de Verão como de Inverno. O pano de arrás verde com figuras de caçadores ondulava perpetuamente. Os antepassados de Orlando eram nobres desde o alvor dos tempos. Tinham vindo das brumas do Norte já de coroa na cabeça. E não é verdade que as barras de sombra visíveis na sala do sótão, e os lagos amarelos que axadrezavam o soalho, os desenhava o sol filtrado pelos vitrais do enorme brasão da janela? Orlando estava agora no meio do corpo amarelo de um leopardo heráldico. A mão que apoiou no parapeito para abrir a janela coloriu-se nesse mesmo instante de vermelho, azul e amarelo, como uma asa de borboleta. Assim, os apreciadores de símbolos e da sua decifração observariam talvez que embora as pernas bem torneadas, o formoso corpo e os ombros robustos se achassem por inteiro enfeitados com vários matizes de luz heráldica, o rosto de Orlando, ao empurrar os batentes da janela, só tinha a iluminá-lo o próprio sol. Impossível seria achar rosto mais cândido e mais sisudo. Feliz a mãe que gera, mais feliz ainda o biógrafo que narra a vida de tal criatura! Nem ela terá que se atormentar, nem ele que invocar o auxílio de romancista ou poeta. Fatalmente avançará de feito em feito, de glória em glória, de cargo em cargo, seguido sempre pelo seu escriba, até alcançarem o posto, seja ele qual for, que represente o culminar dos seus desejos. Orlando — bastava olhá-lo — era talhado a preceito para uma carreira assim. O vermelho das faces cobria-se de uma penugem de pêssigo; a penugem dos lábios era apenas um tudo-nada mais espessa que a das faces. Os lábios em si eram breves e ligeiramente retraídos, dando a ver a delicada brancura de amêndoa dos dentes. Nada perturbava o nariz direito como uma seta no seu voo curto e tenso; o cabelo era escuro, as orelhas pequenas e coladas à cabeça. Mas, ai de nós!, estes catálogos de beleza juvenil não podem terminar sem uma referência aos olhos e à testa. Ai de nós!, raramente alguém nasce desprovido dessas três coisas; pois assim que avistamos Orlando de pé junto à janela, vemo-nos

obrigados a reconhecer que ele tinha uns olhos como violetas encharcadas, tão grandes que pareciam inundados e dilatados de água; e uma testa como a curva de uma cúpula de mármore, comprimida entre os dois brancos medalhões que eram as têmporas. Mal avistamos testa e olhos, deixamo-nos assim arrebatados pelo entusiasmo. Mal avistamos testa e olhos, somos obrigados a admitir mil coisas desagradáveis que todo o bom biógrafo desejaria ignorar. Imagens havia que o perturbavam, como a de sua mãe, senhora muito bela, vestida de verde, que saía a dar de comer aos pavões com Twitchett, a criada, no encalço; outras que o exaltavam — as aves e as árvores; e as que o faziam amar a morte — o céu do entardecer, as gralhas de arribação; e assim, subindo a escada de caracol até ao cérebro — que era dos mais espaçosos — todas estas imagens, e também os sons do jardim, o bater do martelo, o rachar da lenha, desencadearam esse tumulto e essa confusão de paixões e emoções que todo o bom biógrafo abomina. Mas, para continuarmos — Orlando recolheu lentamente a cabeça, sentou-se à mesa, e, com o ar meio absorto de quem se prepara para fazer o mesmo que todos os dias faz àquela hora, pegou num caderno em cuja capa se lia: «Aethelbert: Tragédia em Cinco Actos», e mergulhou no tinteiro uma velha e manchada pena de ganso.

Em breve enchera dez e mais páginas de poesia. Era fluente, bem se via, mas abstracto. Vício, Crime e Miséria eram as personagens da sua peça; havia Reis e Rainhas de territórios impossíveis; enredados em pavorosas intrigas; impregnados de nobres sentimentos; nem uma palavra era dita como ele próprio a diria, antes torneadas todas com uma fluência e uma harmonia que, tendo em conta a sua pouca idade — ainda não completara dezassete anos — e o facto de o século dezasseis ter ainda alguns anos de caminho a percorrer, eram assaz notáveis. Acabou, no entanto, por poisar a pena. Estava a descrever, como eternamente fazem todos os jovens poetas, a natureza, e para acertar no matiz exacto de verde olhou (nisto dando mostras de mais audácia do que a maioria) para a coisa em si, que neste caso era um maciço de loureiros plantados mesmo por baixo da ja-

nela. A partir daí não conseguiu, é claro, escrever mais nada. O verde na Natureza é uma coisa, o verde na literatura outra bem diversa. Natureza e letras parecem nutrir uma pela outra uma natural antipatia; basta juntá-las para mutuamente se esfacelarem. O matiz de verde que Orlando agora via estragava-lhe a rima e desarranjava-lhe a métrica. Além disso, a natureza tem artimanhas muito suas. Espreitemos uma vez que seja, pela janela, as abelhas no meio das flores, o bocejo de um cão, o pôr-do-sol, pensemos uma vez que seja «quantos mais pores-do-sol verei ainda», etc. etc. (a ideia é demasiado conhecida para que valha a pena registá-la por extenso) e largamos a pena, pegamos na nossa capa, deixamos o quarto, tropeçando ao sair numa cómoda pintada. Porque Orlando era um tanto ou quanto desastrado.

Cuidou de não se encontrar com ninguém. Lá vinha Stubbs, o jardineiro, ao fundo da alameda. Escondeu-se atrás de uma árvore até que ele passasse. Saiu por um pequeno portão no muro do jardim. Contornou todos os estábulos, canis, cervejarias, oficinas de carpinteiro, lavandarias, divisões onde se fabricavam velas de sebo, se forjavam ferraduras, se confeccionavam gibões — pois a casa era uma cidade ressoante de homens a trabalhar nos seus diversos mesteres — e alcançou sem ser visto, atravessando o parque, o carreiro ladeado de fetos que conduzia ao cimo do monte. Talvez exista um parentesco entre qualidades, sendo que cada uma traz consigo outra afim; e o biógrafo deve aqui chamar a atenção para o facto de a falta de jeito se aliar muitas vezes ao gosto pela solidão. Tendo tropeçado numa cómoda, Orlando amava naturalmente os lugares solitários, os panoramas rasgados, e a sensação de estar para todo o sempre sozinho.

Por isso, ao cabo de um longo silêncio suspirou enfim «Estou só», abrindo pela primeira vez a boca desde o início deste relato. Subira muito depressa o declive, por entre fetos e pilriteiros, espantando veados e aves bravias, até chegar a um cume coroado por um único carvalho. Era muito alto — tão alto, na verdade, que de lá se avistavam dezanove condados ingleses; e nos dias limpos trinta ou até quarenta, se o

tempo estivesse particularmente bom. Às vezes via-se o Canal da Mancha, ondas reiterando outras ondas. Viam-se rios e barcos de recreio deslizando nas suas águas; e galeões a fazer-se ao mar; e armadas com baforadas de fumo de onde partia o troar surdo dos tiros de canhão; e fortificações costeiras; e castelos no meio dos prados; e aqui uma torre de vigia; acolá uma fortaleza; mais adiante uma imensa mansão como a do pai de Orlando, concentrada, como uma pequena urbe, num vale cercado de muralhas. A leste avistavam-se os campanários de Londres e o fumo da cidade; e, mesmo na linha do horizonte, quando o vento soprava de feição, assomavam, montanhosos, entre nuvens, o cume alcantilado e as encostas íngremes do longínquo Snowdon. Orlando ficou por momentos a contar, a contemplar, a identificar. Aquela era a casa de seu pai; aqueloutra, a do tio. Pertenciam a sua tia aqueles três grandes torreões, no meio das árvores. Eram donos da charneca e da floresta; de faisões e veados, raposas, texugos e borboletas.

Suspirou profundamente, e arremessou-se — havia nos seus gestos uma paixão que justifica o termo — ao chão, junto do carvalho. Adorava sentir debaixo de si, por baixo de toda esta efemeridade estival, a espinha da terra; pois espinha se lhe afigurava ser a dura raiz do carvalho; ou então, e porque as imagens sucedem umas às outras, seria o dorso de um grande cavalo que ele cavalgasse; ou o convés de um navio sacudido pelas ondas — podia ser qualquer coisa, no fundo, contanto que fosse firme, pois Orlando precisava de algo a que pudesse prender o seu coração à deriva; o coração que lhe palpitava do lado esquerdo; o coração que todas as tardes, quando por esta hora saía de casa, parecia encher-se de ventos fragrantes e arrebatados. Ao carvalho o amarrou, e ali deitado sentiu sossegar gradualmente a agitação dentro de si e à sua volta; as folhas tenras penderam inertes, os veados estacaram; as pálidas nuvens de Verão pararam de correr; os seus membros assentes no chão entorpeceram-se; e ficou tão imóvel que a pouco e pouco os veados se foram aproximando, as gralhas rodopiaram em seu redor, as andorinhas mergulharam no ar, voando em círculos, e as libélulas